

DANIEL KEHLMANN

F

*Tradução*

Sonali Bertuol



Copyright © 2013 by Rowohlt Verlag GmbH, Reinbek bei Hamburg

A publicação desta obra recebeu o apoio do Instituto Goethe, financiado pelo Ministério Alemão das Relações Exteriores.



Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

F

Capa

Peter Mendelsund

Preparação

Sofia Mariutti

Revisão

Marise Leal

Isabel Cury

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção;  
não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Kehlmann, Daniel

F / Daniel Kehlmann ; tradução Sonali Bertuol. — 1ª ed. —

São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

Título original: F.

ISBN 978-85-359-2975-1

1. Ficção alemã 1. Título.

---

17-06882

---

CDD-833

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura alemã 833

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORAS SCHWARZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](http://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](http://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](http://twitter.com/cialetras)

# Sumário

O grande Lindemann, 7

A vida dos santos, 41

Família, 103

Negócios, 121

Sobre a beleza, 181

Estações do ano, 235

O GRANDE LINDEMANN

Anos depois, já adultos e enredados cada um em sua própria infelicidade, nenhum dos filhos de Arthur Friedland se lembraria de quem havia sido a ideia de ir ao espetáculo de hipnose naquela tarde.

Era o ano de 1984, e Arthur não tinha profissão. Ele escrevia romances que nenhuma editora queria publicar e contos que de vez em quando saíam em alguma revista. Ele não tinha outra atividade, mas sua mulher era oftalmologista e ganhava dinheiro.

No caminho, no carro, ele conversou com os filhos de treze anos sobre Nietzsche e marcas de chiclete, eles discutiram sobre um desenho animado que estava passando no cinema e tratava de um robô que também era o Redentor, levantaram hipóteses sobre por que Yoda falava de forma tão estranha e se perguntaram se o Super-Homem era mesmo mais forte do que o Batman. Finalmente, eles pararam na frente de uma série de casas iguais, numa rua no subúrbio da cidade. Arthur tocou duas vezes a buzina, segundos depois a porta de uma das casas se abriu de um golpe.

Martin, seu filho mais velho, passara as duas últimas horas na janela esperando por eles, tonto de tédio e impaciência. O vidro ficou embaçado pela sua respiração, ele desenhou rostos com os dedos, rostos sérios, risonhos e também com bocas es-cancaradas. Repetidas vezes, limpou o vidro e observou sua respi-ração cobri-lo de novo com uma fina névoa. O relógio na parede batia e batia, por que eles estavam demorando tanto? Mais um automóvel passou, e em seguida outro, e depois mais um outro, mas ainda não eram eles.

E de repente um automóvel parou e buzinou duas vezes.

Martin correu pelo corredor, passando pelo quarto em que sua mãe se recolhera para não precisar ver Arthur. Fazia cator-ze anos que ele desaparecera de forma sumária e repentina da sua vida, mas o fato de que ele pudesse existir sem precisar dela ainda a afligia. Martin desceu a escada, avançou pelo corre-dor do andar de baixo, saiu e atravessou a rua — tão depressa que não viu o automóvel que vinha em alta velocidade. Freios guincharam ao seu lado, mas ele já estava sentado no banco da frente, as mãos na cabeça, e só então seu coração falhou por um momento.

“Meu Deus”, disse Arthur em voz baixa.

O automóvel que quase matara Martin era um Golf verme-lho. O motorista buzinou absurdamente, talvez porque sentisse que não era admissível não fazer nada depois de um incidente como aquele. Então ele acelerou e seguiu em frente.

“Meu Deus”, repetiu Arthur.

Martin esfregou a testa.

“Como alguém pode ser tão idiota?”, perguntou um dos gê-meos no banco de trás.

Para Martin, foi como se a sua existência tivesse se dividido. Ele estava sentado ali, mas ao mesmo tempo estava deitado no asfalto, o corpo imóvel e retorcido. O seu destino ainda não lhe

parecia totalmente decidido, as duas coisas ainda eram possíveis, e por um momento ele também tinha um irmão gêmeo — o que lá fora pouco a pouco esmorecia.

“Ele podia estar morto”, observou o outro gêmeo, objetivo. Arthur assentiu.

“Mas será que podia mesmo? Se Deus ainda tiver um plano para ele. Não importa qual. Aí não pode acontecer nada com ele.”

“Mas Deus não precisa ter plano nenhum. Basta que ele saiba. Se Deus souber que ele vai ser atropelado, ele vai ser atropelado. Se Deus souber que não vai acontecer nada com ele, não vai acontecer nada com ele.”

“Mas isso não pode ser. Porque aí o que a pessoa faz não faria diferença. Papai, onde está o erro?”

“Deus não existe”, disse Arthur. “Esse é o erro.”

Todos se calaram, então Arthur ligou o motor e partiu. Martin sentiu seus batimentos se acalmarem. Mais alguns minutos e ele voltaria a achar natural que estivesse vivo.

“E na escola?”, perguntou Arthur. “Como vão as coisas?”

Martin olhou de esguelha para o pai. Arthur havia engordado um pouco, seus cabelos, na época ainda sem fios brancos, estavam, como sempre, desgrenhados como se nunca tivessem sido penteados. “Matemática eu acho muito difícil, não sei se vou passar. Francês ainda é um problema. Inglês não é mais, ainda bem.” Ele falava depressa para dizer o máximo possível antes que Arthur perdesse o interesse. “Em alemão eu vou bem, em física tem um professor novo, em química vou indo como sempre, mas no laboratório...”

“Ivan”, perguntou Arthur, “nós estamos com os ingressos?”

“No seu bolso”, respondeu um dos gêmeos, e agora pelo menos Martin sabia qual dos dois era Ivan e qual era Eric.

Ele os observou pelo espelho retrovisor. Como todas as ou-

tras vezes, alguma coisa em sua semelhança lhe pareceu falsa, exagerada, contra a natureza. E eles ainda nem haviam começado a se vestir com roupas iguais, como fariam anos depois. Essa fase, em que se divertiam por não serem distinguíveis, terminaria apenas aos dezoito anos de idade, quando, por um breve período, eles próprios não sabiam mais ao certo qual dos dois era qual. Depois disso, eles ainda seriam frequentemente tomados pela sensação de que haviam se perdido uma vez e desde então cada um vivia a vida do outro; assim como Martin nunca se livraria completamente da suspeita de que de fato morrera no asfalto naquela tarde.

“Pare de olhar com essa cara de idiota”, disse Eric.

Martin se virou e tentou pegar a orelha de Eric. Ele quase conseguiu alcançá-la, mas seu irmão se esquivou, agarrou o seu braço e torceu-o para cima com um puxão. Ele deu um grito.

Eric soltou-o e observou em tom alegre: “Agora ele vai chorar”.

“Imbecil”, disse Martin com a voz trêmula. “Imbecil cretino.”

“É mesmo”, disse Ivan. “Agora ele vai chorar.”

“Imbecil.”

“É você.”

“Você é o imbecil.”

“Não, você é que é.”

Então nada mais lhes ocorreu. Martin ficou olhando pela janela até ter certeza de que não viriam mais lágrimas. O reflexo do automóvel deslizava nas vitrines da rua: distorcido, alongado, arqueado num semicírculo.

“Como está sua mãe?”, perguntou Arthur.

Martin hesitou. O que ele deveria responder? Arthur já fizera essa pergunta, bem no começo, sete anos antes, quando eles se encontraram pela primeira vez. Seu pai lhe parecera muito

alto, mas também cansado e ausente, como que envolvido por uma fina névoa. Ele sentira timidez diante daquele homem, mas, sem que soubesse dizer por quê, ao mesmo tempo também piedade.

“Como vai sua mãe?”, dissera o estranho, e Martin se perguntara se aquele era realmente o homem que encontrara tantas vezes em seus sonhos, sempre com a mesma capa de chuva preta, quase sempre sem rosto. Mas fora somente naquele dia na sorveteria, enquanto cavoucava em seu sundae com calda de chocolate, que Martin havia se dado conta do quanto gostava de não ter pai. Não ter predecessor, modelo a seguir, nenhuma pressão, apenas uma vaga ideia de alguém que talvez um dia aparecesse. E então esse alguém era ele? Os seus dentes não eram muito retos, os cabelos, desgrenhados, em sua gola havia uma mancha, e suas mãos pareciam carcomidas. Era um homem que poderia muito bem ser outro; um homem que se parecia com uma pessoa qualquer entre muitas outras na rua, no trem, em qualquer lugar.

“Quantos anos você tem exatamente?”

Martin engolira e então dissera: sete anos.

“E essa é a sua boneca?”

Martin precisou de um tempo para entender que o seu pai estava falando de Frau Müller. Ele sempre andava com ela debaixo do braço sem pensar nisso.

“Como ela se chama?”

Martin lhe disse.

“Que nome esquisito.”

Martin não sabia o que responder. Frau Müller sempre se chamara assim, era simplesmente seu nome. Ele notou que o seu nariz estava escorrendo. Olhou em volta, mas sua mãe não estava mais ali. Assim que Arthur entrara, ela saíra da sorveteria sem dizer nada.

Mais tarde, por mais que Martin rememorasse esse dia e se esforçasse por resgatar da escuridão da sua memória o diálogo entre os dois, ele não conseguiria. Talvez porque tivesse imaginado tantas vezes aquela conversa antes e logo depois, as coisas que eles de fato disseram um ao outro e aquelas que ele inventara ao longo dos anos houvessem se fundido: Arthur realmente dissera que não tinha profissão e que passava a vida pensando sobre a vida, ou só mais tarde, quando já sabia mais sobre seu pai, Martin havia considerado essa resposta a única adequada? E seria possível que, quando Martin lhe perguntou por que havia abandonado a ele e a sua mãe, Arthur tivesse respondido que quem se deixa aprisionar e se entrega à mediocridade e ao desespero não é capaz de ajudar a ninguém porque também não pode ser ajudado, acaba desenvolvendo um câncer, fica com o coração cheio de gordura, não vive muito e apodrece dentro de um corpo que ainda respira? Era perfeitamente plausível que Arthur desse uma resposta como aquela a uma criança de sete anos, mas Martin achava improvável que ele tivesse mesmo se atrevido a fazer a pergunta.

Só três meses depois seu pai aparecera de novo. Dessa vez, ele buscou Martin em casa num automóvel com dois meninos fantasmagoricamente parecidos no banco de trás — num primeiro momento Martin achou que era uma ilusão de ótica. Os dois por sua vez o observaram por um breve momento, com grande e logo depois apenas moderada curiosidade, eles estavam totalmente concentrados em si mesmos, imersos no mistério da sua duplicação.

“Sempre pensamos a mesma coisa.”

“Mesmo quando é algo complicado. Exatamente a mesma coisa.”

“Quando alguém faz uma pergunta, pensamos na mesma resposta.”

“Até mesmo quando está errada.”

Então eles riram com uma e mesma voz, e Martin sentiu correr um arrepiado pela espinha.

A partir de então, seu pai e seus irmãos vinham buscá-lo regularmente. Eles andavam de montanha-russa, visitavam aquários com peixes sonolentos, faziam caminhadas pelas florestas nos arredores da cidade, nadavam em piscinas com cheiro de cloro cheias de gritos de crianças e de sol. Sempre se notava em Arthur um esforço, ele nunca estava realmente na coisa, e os gêmeos também não escondiam muito bem que iam só porque eram obrigados. Embora Martin percebesse isso com clareza, aquelas foram as melhores tardes da sua vida. Na última vez, Arthur lhe dera um cubo colorido, com lados que giravam, um brinquedo novo, que acabara de chegar ao mercado. Logo Martin começou a passar horas com o cubo, ele poderia passar dias, estava completamente viciado.

“Martin!”

Ele se virou de novo.

“Está dormindo?”

Martin se perguntou se deveria atacar outra vez, mas então achou melhor deixar para lá. Não adiantava, Eric era mais forte.

Que pena, pensou Eric. Ele gostaria de dar uma bofetada em Martin, embora não tivesse nada contra ele. O que simplesmente o enfurecia era o seu irmão ser tão impotente, tão quieto e tímido. Além disso, ele ainda não o perdoara por aquele momento sete anos antes, quando seus pais os chamaram na sala à noite para comunicar uma coisa importante.

“Vocês vão se separar?”, perguntara Ivan.

Seus pais balançaram a cabeça chocados e disseram: Não, não, não mesmo! E Arthur contou que Martin existia.

Eric ficara tão espantado, que imediatamente decidira agir como se achasse engraçado, mas quando quis tomar ar para rir,

Ivan já começava a dar suas risadinhas. Coisas que aconteciam quando se era um e ao mesmo tempo dois e quando não havia um único pensamento que pertencesse a apenas um deles.

“Isso não é uma piada”, disse Arthur.

Mas por que só agora, Eric quis perguntar. Porém Ivan havia se antecipado de novo: “Por que só agora?”.

Às vezes, as coisas eram difíceis, respondera Arthur.

Perplexo, ele olhara para sua mãe, mas ela permanecera sentada com os braços cruzados e dissera que também os adultos nem sempre eram inteligentes.

A mãe do outro menino, explicara Arthur, estava de mal com ele, não queria que ele visse o seu filho, e ele concordara, para dizer a verdade, até de muito boa vontade, isso tornara as coisas mais fáceis, e apenas recentemente ele mudara de ideia. E agora ele iria sair e encontrar Martin.

Nunca antes Eric vira o pai nervoso. Quem precisava daquele Martin, ele pensou, e como Arthur pudera aprontar uma coisa tão ridícula?

Desde cedo, Eric sabia que queria ser diferente do pai. Ele queria ganhar dinheiro, queria ser levado a sério, não queria ser alguém de quem as pessoas sentem pena em segredo. Por essa razão, no primeiro dia de aula na nova escola, ele havia atacado o maior garoto da classe, naturalmente sem nenhum aviso, a surpresa lhe proporcionara a vantagem necessária: Eric o derrubara com um empurrão, depois se ajoelhou em cima dele, agarrara-o pelas orelhas e batera sua cabeça no chão três vezes, até que sentiu a resistência ceder. Só então, por uma questão de efeito, ele desferiu um golpe certeiro no seu nariz, o sangramento no nariz sempre causava impressão. E, de fato, o garoto grande, do qual Eric agora sentia pena, irrompera em lágrimas. Eric o deixara se levantar, e o garoto se fora cambaleante, fungando, um lenço se tingindo de vermelho no seu rosto. Desde então, Eric passou a

ser temido por toda a classe, sem que ninguém percebesse quanto medo ele tinha.

Na verdade, tudo dependia apenas de determinação, ele já sabia disso. Fossem os professores, os outros alunos ou mesmo os seus pais, eram todos divididos, fracos e indecisos, não importava o que fizessem. Quem realmente perseguisse o seu objetivo nunca seria impedido por ninguém. Isso era tão certo quanto duas vezes cinco eram dez ou tão certo quanto o fato de que ele vivia cercado por fantasmas cujos espectros lhe apareciam apenas de vez em quando na penumbra.

“Eu me perdi”, disse Arthur.

“De novo não”, disse Eric.

“Isso é um truque”, disse Ivan. “Porque você não está a fim.”

“É claro que não estou a fim. Mas não é um truque.”

Arthur encostou o carro no meio-fio e desceu. Uma brisa quente de verão entrou pela porta, automóveis passavam em disparada, o ar cheirava a gasolina. Lá fora, ele perguntou o caminho a pessoas que passavam: uma velha senhora fez um gesto recusando-se, um garoto de patins nem sequer parou, um homem com um grande chapéu fez sinais com as mãos para a direita, a esquerda, para cima e para baixo. Arthur conversou um tempo com uma moça. Ela inclinou a cabeça para o lado, Arthur sorriu, ela apontou para algum lugar, Arthur assentiu e disse alguma coisa, ela riu, depois ela falou enquanto ele ria, então os dois se despediram, ela tocou o seu ombro quando passou por ele. Ainda sorrindo, ele entrou no carro.

“Ela explicou o caminho?”, perguntou Ivan.

“Ela não era daqui. Mas o homem antes dela sabia.”

Ele mudou de direção duas vezes, então a entrada de um estacionamento se abriu diante deles. Preocupado, Eric olhou para a escuridão. Ele jamais poderia revelar a ninguém o quanto se sentia mal dentro de um túnel, caverna ou de qualquer lugar

fechado. Mas era provável que Ivan soubesse, assim como ao próprio Eric sempre acontecia de, em vez de seus próprios pensamentos, pensar os de seu irmão gêmeo e lhe virem à mente palavras que não conhecia. Também era frequente que ao acordar se lembresse de sonhos com cores muito estranhas — os sonhos de Ivan eram mais coloridos do que os seus e, de uma maneira muito peculiar, mais amplos, neles o ar parecia melhor. E ainda assim eles podiam esconder coisas um do outro. Eric não conseguia entender por que Ivan tinha medo de cães, se os cães eram das poucas criaturas realmente inofensivas, ele não compreendia por que Ivan gostava mais de conversar com garotas loiras do que com morenas e achava um mistério por que as pinturas antigas, que apenas o entediavam no museu, provocavam sentimentos tão complicados em seu irmão.

Eles desceram do carro. Lâmpadas fluorescentes propagavam uma luz cinzenta. Eric cruzou os braços e olhou para o chão.

“Você não acredita em hipnose?”, perguntou Ivan.

“Eu acredito que é possível convencer as pessoas de qualquer coisa”, disse Arthur.

Eles entraram no elevador, as portas se fecharam, Eric lutou contra seu pânico. E se a corda arrebentasse? Já havia acontecido uma coisa assim, aconteceria de novo, em algum momento e em algum lugar, por que não ali? Finalmente o elevador parou, as portas se abriram, eles se dirigiram para o teatro. O grande *Lindemann*, estava escrito numa faixa, *O mestre da hipnose. Matinê*. Num cartaz, via-se um inexpressivo senhor de óculos que se esforçava visivelmente para sustentar um olhar sinistro e penetrante. Havia sombras em seu rosto, a iluminação era teatral, a foto era ruim. *Lindemann o ensinará a temer os seus sonhos*, estava escrito ao lado.

Bocejando, um rapaz verificou os ingressos. Eles tinham

bons lugares, bem na frente, na terceira fileira. A plateia estava quase lotada, nos balcões não havia ninguém. Ivan olhou para o teto exageradamente ornamentado e se perguntou como alguém podia pintar aquilo. Habil, o artista ludibriara o olhar criando a ilusão de uma abóbada que não estava lá. Como se fazia um desenho desse tipo quando se queria mostrar que ali na realidade não havia um segundo espaço, mas apenas uma simulação? Nos livros não havia nada sobre isso.

Ninguém podia ajudar ninguém. Nem livros, nem professores. Tudo o que era decisivo era preciso aprender por conta própria, e quem não conseguia estava perdido na vida. Frequentemente, Ivan se perguntava como as pessoas que não tinham nenhuma capacidade especial podiam suportar a existência. Ele via que sua mãe desejava uma vida diferente e que seu pai sempre estava com o pensamento em outro lugar. Ele via que seus professores na escola eram almas pequenas e tristes e sabia, é claro, das visões que atormentavam Eric. Sempre que entrava num dos sonhos de Eric, ele se via num lugar escuro e abafado onde ninguém desejaria estar. Ele também via Martin, que era muito fraco e muito sozinho com a mãe. Ivan suspirou. A hipnose não o interessava, ele queria voltar para casa para desenhar. Apenas chegar a enfim desenhar melhor, era só isso que importava, ele não queria outra coisa.

A luz ficou mais fraca, os murmúrios silenciaram. A cortina se abriu. Lindemann estava no palco.

Ele era gordo e tinha uma calva que os poucos fios de cabelo dispostos sobre a nudez de seu crânio deixavam ainda mais chamativa, e usava uns óculos pretos de tartaruga. Seu terno era cinza, no bolso superior havia um lencinho verde. Sem cumprimentos, sem mesura, começou a falar em voz baixa.

A hipnose, ele disse, não era um sono, era muito mais um estado de vigília voltada para dentro, não de ausência de von-

tade própria, mas de autodeterminação. O público veria coisas incríveis naquele dia, mas ninguém precisava se preocupar, pois, como era sabido, nenhuma pessoa podia ser hipnotizada contra sua vontade, e ninguém jamais fora levado pela hipnose a fazer alguma coisa para a qual no fundo de sua alma já não estivesse pronto. Ele fez uma pausa e sorriu, como se tivesse feito uma piada difícil de entender.

Uma escadinha estreita levava do palco ao auditório. Lindemann desceu os degraus, ajeitou os óculos, olhou em volta e andou pelo corredor central. Ao que tudo indicava, ele estava decidindo quais espectadores levaria para o palco. Ivan, Eric e Martin abaixaram a cabeça.

“Não se preocupem”, disse Arthur. “Ele só pega adultos.”

“Então talvez você.”

“Comigo não funciona.”

Eles estavam diante de grandes acontecimentos, disse Lindemann. Quem não quisesse participar nada tinha a temer, nada lhe aconteceria, ele não chegaria muito perto. Quando alcançou a última fileira, correu de volta com surpreendente agilidade e saltou para cima do palco. Para começar, ele disse, uma coisa leve, apenas uma brincadeira. Toda a primeira fileira, de pé, por favor!

Um murmúrio correu pela sala.

Isso mesmo, disse Lindemann, a primeira fileira. Todos. De pressa, por favor!

“O que ele faz quando alguém se recusa?”, sussurrou Martin. “Se alguém simplesmente fica sentado, o que acontece?”

Todas as pessoas na primeira fila se levantaram. Elas cochichavam umas com as outras e olhavam ao redor contrafeitas, mas obedeceram e subiram ao palco.

“Façam uma fila!”, comandou Lindemann. “Deem as mãos.”

Relutantes, elas deram as mãos.

Agora eles não soltariam mais uns aos outros, disse Lindemann enquanto caminhava ao longo da fila, eles não queriam, por isso não o fariam e, como não queriam, não podiam e, como não podiam, não seria errado afirmar que estavam colados uns aos outros. Enquanto falava, ele pegava aqui e ali nas pessoas e tocava nas mãos. Bem firme, ele dizia, segurem as mãos bem firme, muito firme, ninguém sairia fora, ninguém podia soltar, bem firme, impossível soltar. Quem quisesse que tentasse agora.

Ninguém soltou. Lindemann virou-se para o público, seguiram-se tímidos aplausos. Ivan se inclinou para ver melhor o rosto das pessoas no palco. Elas pareciam indecisas, ausentes e como que paralisadas numa contração da vontade. Um homem mais baixo cerrava os dentes, uma senhora com um coque estava com as mãos trêmulas como se quisesse se desvencilhar, porém achasse tanto o aperto de seu vizinho como o seu próprio firmes demais.

Ele contaria até três, disse Lindemann, então todas as mãos se soltariam. “Então um. E dois. E...” Ele ergueu lentamente a mão, disse: “... três!” e estalou os dedos.

Indecisas, quase relutantes, as pessoas se soltaram. Constrangidas, elas olhavam para as próprias mãos.

“Agora voltem depressa para seus lugares”, disse Lindemann. “Vamos, depressa, depressa!” Ele bateu palmas.

A mulher com o coque estava pálida e cambaleou quando começou a andar. Lindemann segurou-a delicadamente pelo cotovelo e conduziu-a até a escada, enquanto sussurrava em seu ouvido. Quando ele a soltou, ela passou a se mover com mais segurança, desceu os degraus e chegou ao seu lugar.

Aquele fora um pequeno experimento, disse Lindemann, uma brincadeira para começar. Agora uma coisa séria. Ele se aproximou da ribalta, tirou os óculos e apertou os olhos como quem procura alguma coisa. “O cavalheiro aqui na frente de pu-